



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA
AFRO-BRASILEIRA - UNILAB
INSTITUTO DE HUMANIDADES
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

ANTONIA CRISTIANE LIMA SILVA

**RELATOS AUTOBIOGRÁFICOS NA PERSPECTIVA DA FORMAÇÃO DOCENTE:
EXPERIÊNCIAS DO RACISMO NO COTIDIANO ESCOLAR.**

REDENÇÃO - CE

2021

RELATOS AUTOBIOGRÁFICOS NA PERSPECTIVA DA FORMAÇÃO DOCENTE:
EXPERIÊNCIAS DO RACISMO NO COTIDIANO ESCOLAR.

ANTONIA CRISTIANE LIMA SILVA

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira, como pré-requisito final e obrigatório para a obtenção do título de pedagoga.

Orientador: Prof. Dr. Luis Eduardo Torres Bedoya.

REDENÇÃO - CE

2021

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da UNILAB
Catalogação de Publicação na Fonte.

Silva, Antonia Cristiane Lima.

S969r

Relatos autobiográficos na perspectiva na formação docente:
experiências do racismo no cotidiano escolar / Antonia Cristiane
Lima Silva. - Redenção, 2021.
38f: il.

Monografia - Curso de Pedagogia, Instituto de Humanidades,
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-
Brasileira, Redenção, 2021.

Orientador: Prof. Dr. Luís Eduardo Torres Bedoya.

1. Formação docente. 2. Professores - Formação - Ceará. 3.
Racismo - Escola. I. Título

CE/UF/BSP

CDD 379.26

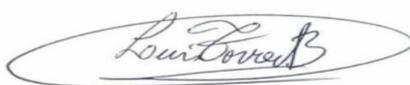
ANTONIA CRISTIANE LIMA SILVA

**RELATOS AUTOBIOGRÁFICOS NA PERSPECTIVA DA FORMAÇÃO DOCENTE:
EXPERIÊNCIAS DO RACISMO NO COTIDIANO ESCOLAR.**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Pedagogia do Instituto de Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Aprovada em 14 de Abril de 2021

BANCA EXAMINADORA



**Prof. Dr. Luís Eduardo Torres Bedoya
(Orientador)**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB



**Profa. Dra. Jaqueline da Silva Costa
(Professor/a Examinador/a)**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB



**Profa. Dra. Rosângela Ribeiro da Silva
(Professor/a Examinador/a)**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB

AGRADECIMENTOS

Início meus agradecimentos especiais, ao meu orientador, Prof. Dr. Luis Eduardo Torres Bedoya, pela dedicação e carinho. Gratidão por ter estado ao meu lado me incentivando e mostrando que sou capaz. Nunca vou esquecer quando disse: “*você é empreendedora de sua vida*”, essa frase carregarei comigo para sempre.

Agradeço a paciência de meu esposo Valdemir e de nosso filho Valdemir Junior. Gratidão por me aturarem em dias e noites de muito estresse, me acolhendo e me incentivando a seguir sempre.

Às/os professoras/es que me conduziram em todo processo. Gratidão por todos os ensinamentos ao longo da caminhada.

Por fim, mas com o mesmo sentimento de gratidão, agradeço aos/às colegas de curso com os/as quais compartilhei alegrias e anseios ao vivenciarmos processos novos a cada noite em que estivemos juntos, em especial, a duas pessoas presentes durante toda essa jornada, Claudiana e Maria de Jesus, colegas de sala que se transformaram em irmãs que a vida me deu.

A todas/os o meu eterno obrigada, gratidão sempre.

RESUMO

O trabalho busca identificar e analisar as práticas do racismo no cotidiano escolar e familiar, refletindo sobre as mesmas a partir das minhas vivências autobiográficas, e contribuindo para a criação e desenvolvimento de práticas pedagógicas voltadas para a valorização da identidade negra, com base em aprendizados no meu processo de formação docente, fortalecendo, assim, a valorização e reconhecimento do ser negro/a em sociedade. O presente trabalho pretende intervir nos processos de ensino/aprendizado na escola, considerando as narrativas autobiográficas como fontes propulsoras de mudanças nas relações entre discentes e docentes, pautadas nas diversidades e pluralismo cultural no âmbito escolar. A partir de autobiografias podemos proporcionar reflexões capazes de induzir mudanças a favor de todas/os aquelas/es que busquem meios na escola para garantir seu desenvolvimento intelectual, sem que sua classe social ou cor de pele possam ser fatores que alterem seus resultados. A metodologia utilizada foi de produção e análise reflexiva da minha narrativa autobiográfica, com recurso a relatos sobre minha experiência de vida, em diálogo com o referencial teórico proposto nos estudos de Fabio Rios, Mariana Jantsch Souza, Paulo Freire, Franco Ferrarotti, Inês Ferreira de Souza Bragança, Nilma Lino Gomes. Como resultado, foi percebido a importância de narrar a própria história de vida, de aprender com as experiências formadoras e os processos formativos nelas contidas, pois permite repensarmos e recriarmos novos conceitos e métodos pedagógicos que agreguem na valorização da identidade do/a profissional docente. Também foi importante tornar do conhecimento de todos, que a ancestralidade negra está presente nas representações culturais e, é fundamental para entendermos nosso papel social, desmistificando os estereótipos que atribuem aos nossos antepassados. Destaco a importância da rememoração de vivências como possíveis possibilidades na promoção de práticas pedagógicas antirracistas e na busca de combater o racismo escolar, entendendo a urgência desse combate, pois, o racismo tira a humanidade de crianças negras.

Palavras-chave: Formação docente; Processos formativos; Relatos autobiográficos.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	05
CAPITULO I – PROCESSOS EDUCACIONAIS: DA FAMÍLIA À ESCOLA.....	13
1.1 Experiência com a docência.....	16
1.2 Da escola à Universidade.....	19
CAPITULO II - RELATOS AUTOBIOGRÁFICOS NA PROMOÇÃO DE MUDANÇAS DAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS.....	21
2.1 Início do processo de desconstrução da colonização.....	25
CAPITULO III - COMBATER O RACISMO ESCOLAR A PARTIR DE PROPOSTAS METODOLÓGICAS ADQUIRIDAS NA FORMAÇÃO DOCENTE.....	30
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	32
REFERÊNCIAS	

INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca refletir acerca dos processos formativos na formação docente, pautada nos relatos autobiográficos. O trabalho responde a necessidade de trazer para a escola temas voltados para a construção e reconstrução de vidas negras, haja visto o distanciamento desta população nas decisões sobre políticas públicas e a necessidade de lutar por uma maior representatividade política na tomada de decisões que interferem e impactam diretamente em nossas vidas.

A tese de doutorado de Osmar Teixeira Gaspar (2017) analisa algumas das causas que impedem a população negra de estar nas dimensões legislativas e suas três instâncias. A análise foi feita na Assembleia Legislativa de São Paulo e conclui que essa ausência é reflexo do racismo estrutural e da desigualdade social, esta que explica o porquê da população negra não ter as mesmas oportunidades de acesso aos estudos que os brancos. Daí a importância da entrada e permanência de pessoas negras nesses espaços políticos, para dar suas contribuições, cobrar e intermediar medidas e projetos que respondam efetivamente as necessidades da população negra.

Como é o caso da lei 10.639/03, que torna obrigatório incluir no currículo escolar o ensino da “História e Cultura Afro-Brasileira e Africana”. A lei foi criada como resposta às lutas dos movimentos sociais, em especial do movimento negro do Brasil, que desde muito tempo já falava sobre a necessidade de considerar a relevância desses atores na formação social, econômica e política da sociedade brasileira.

Por essa razão, o presente estudo reflete sobre a necessidade de entender a escola como espaço público que atenda a todas/os com equidade, e permita a inclusão e aceitação de crianças e adolescentes negros/as, com vista na promoção e construção de uma sociedade com oportunidades de aprendizados a todas/os, sendo um meio para sua inserção e construção social, sem perder sua essência identitária.

O trabalho busca identificar e analisar as práticas do racismo no cotidiano escolar e familiar, refletir sobre as mesmas a partir das minhas vivências autobiográficas, e contribuir para criação e desenvolvimento de práticas pedagógicas voltadas para a valorização da identidade negra, com base em aprendizados no meu processo de formação docente, fortalecendo a valorização e reconhecimento do ser negro em sociedade.

Os relatos autobiográficos impactam de forma relevante nos processos de formação docente, fazendo com que as práticas racistas deixem de ser um obstáculo para o ensino/aprendizagem na escola, pois permite que o docente considere as experiências de vidas para a elaboração de suas práticas pedagógicas, para atender, com elas, as especificidades culturais existentes em sala de aula.

Em meu processo formativo para o exercício profissional docente, considero fundamental escrever e refletir sobre minhas experiências e vivências do tempo escolar, em diálogo com pesquisas de autores/as que me possibilitam novas compreensões para promoção de um espaço escolar dinâmico e humanizado no qual cada criança, em especial as crianças negras, se sintam incluídas.

O interesse por abordar minhas experiências de vida para entender os processos educacionais do meu tempo escolar, surgiu da componente curricular “Autobiografia e Educação nos países da integração”, ministrada pelo Prof. Dr. Luis Eduardo Torres Bedoya, e da atenção ao livro de Paulo Freire, intitulado “*Cartas a Cristina: Reflexões sobre minha vida e práxis*”, tendo por interesse a necessidade de dar visibilidade a crianças negras, estereotipadas por suas características de identidade, e desumanizadas por práticas racistas que causam dores e colocam essa criança em um processo de solidão e exclusão.

Despertar para a importância de considerar todas as formas de culturas, tendo como recurso a apropriação de histórias de vidas, e a partir daí entender os mecanismos colonizadores ainda presentes nas escolas, é fundamental para desfazer as amarras e sutilezas sociais que distancia essas crianças de ocupar os espaços sociais, até então ocupados por uma hegemonia branca. Para isso, é necessário usar de uma metodologia que contribua e provoque mudanças de comportamentos em gestores/as, professores/as e estudantes, utilizando materiais e métodos para além do livro didático, matérias e práticas que evidenciem a importância das contribuições da população negra como forma de combater práticas racistas na escola.

Por experiência, posso afirmar a importância educacional e pedagógica dos relatos de vida no cotidiano escolar e na formação docente para fortalecimento da minha cultura negra de pertença, por possibilitar-me um entendimento maior acerca da importância das experiências de vida para o combate de práticas racistas das quais, como ocorreu comigo, crianças negras são submetidas frequentemente nas escolas.

Com o método autobiográfico e na condição de mulher negra, consigo ter a sensibilidade que faltou para comigo em muitos momentos durante meu processo de aprendizagem e a percepção necessária para entender que cada criança carrega consigo uma história em particular, com realidades distintas e que, portanto, precisam desse olhar atento para trazê-la ao mundo dos estudos e com a leveza necessária para um bom entendimento, rompendo com as amarras e mordidas que atormentam a criança negra.

Desde muito cedo eu já percebia, mas não entendia bem, por que eu era “diferente”... mas, diferente em quê? Assim, me perguntava porque eu era tratada com tal diferença. Com o passar do tempo, entendi. Na universidade, percebi porque essa diferença me assombrou por longos anos de minha vida. Mesmo eu dizendo para mim mesma que nada acontecia, essas situações findavam por afirmar essa diferença para minha vida, achando que eu não podia quase nada e, quando eu atingia algum espaço, acreditava que era sorte, apenas sorte.

Nesse sentido, é necessário esse retorno nas memórias autobiográficas, por possibilitar reflexões que, pela rememoração do passado, ajudam a enxergar a complexidade que envolve os processos de formação de vida, embora não seja fácil. É como afirma Paulo Freire: “*Lembrar, deste modo, é perfilar o tempo. É trazê-lo às suas responsabilidades humanas*” (2013, p.13). Sendo assim, hoje posso entender a importância dos fatos que vivi e onde eles contribuíram para minha construção social e humana, o que torna possível refletir e trazer para o presente todas as dores que vivi, com a pretensão de entender a situação vivida e não reproduzir enquanto professora.

Ter conhecimento do nosso pertencimento de identidade, possibilita a reconstrução do reconhecimento cultural, o que promove a valorização de nós mesmas/os e ajuda a entender como podemos contribuir para o reconhecimento de crianças negras que não percebem sua importância por não ver sua cor estampada nos livros didáticos convencionais. Marie-Christine Josso nos diz que trabalhar as questões da identidade e expressões de nossa existencialidade através da análise e da interpretação das histórias de vida escritas, permite-nos colocar em evidência a pluralidade, a fragilidade e a mobilidade de nossas identidades ao longo da vida. (2007, p 415)

Diante disso, este trabalho busca responder ao questionamento de: Por que os relatos autobiográficos são ainda pouco usados nos processos formativos? O certo é que, trazer experiências de vidas para o cotidiano escolar, ajuda com que crianças invisibilizadas por

marcadores sociais, como a cor da pele, a classe social ou gênero, sejam inseridas nos processos educacionais, com impacto direto na vida adulta, seja na sua formação ou na sua atuação profissional.

Confesso que, lá no início, a ideia de retornar a essas memórias me trazia muito desconforto, por achar que *“relembrar uma dor do passado no presente era criar outra dor e sofrer novamente”*. Não sei quem escreveu esta frase, mas sei o quanto ela impactou em minha vida. Foi necessária uma desconstrução (ainda em andamento) da minha história de vida, para só então iniciar a sua reconstrução, desta vez me colocando como protagonista, lugar até pouco tempo desconhecido por mim.

Refazer esse trajeto pela rememoração da minha vida passada, possibilitou o início da desconstrução que me levaria a entender que nada do que eu pensava a meu respeito eram ideias minhas, mas fazia parte do processo de colonização das mentes produzido dentro do sistema colonial, para explorar e dominar, do qual, nós mulheres negras e homens negros, fomos submetidas/os durante muito tempo. Uma das coisas que colocaram em nossas mentes é que o lugar da mulher e do homem preto não era na escola, pois a sociedade não oferecia lugares de igualdade. Nós pretas devíamos estar ‘na casa grande’ fazendo o que achavam que é para nós, cuidando da casa deles/as e dos seus filhos.

Hoje entendo, que através do processo de formação diferenciado do Curso de Pedagogia da UNILAB, do qual faz parte a componente “Autobiografia e Educação nos países da integração”, possibilitou uma reflexão sobre a verdadeira história da população negra, resultando na emancipação dos seus corpos e mentes. O projeto pedagógico do curso de Pedagogia da UNILAB, de perspectiva afrocentrada e antirracista, induz a busca por métodos também antirracistas, fazendo do percurso da graduação, uma experiência emancipadora. Embora esse seja um projeto pensado para esta universidade, deveria ser modelo futuro para outras instituições de ensino superior, com vista a fomentar práticas docentes descolonizadoras.

É importante que tenhamos a curiosidade de Cristina, sobrinha de Paulo Freire, a respeito da vida de seu tio, quando o desafiou a voltar às suas origens e a seu passado, para entender como foi que se tornou o pedagogo/educador tão importante, que ainda hoje segue influenciando diversos profissionais, não só na área de educação. Acredito que Cristina deveria estar dentro de cada um/a de nós, e a partir desse olhar, promover uma relação das vivências do passado com as vivências atuais, pois *“o indivíduo é moldado diante da diferença, num processo*

de aproximação e distanciamento, por isso não é possível crer em identidades estáveis e consolidadas” (SOUZA, 2014, p. 94).

Em meu caso, a UNILAB proporcionou conhecimentos que permitiram apropriar-me de fatos históricos acerca de quem eu sou. Fatos sobre os quais antes não tinha acesso. Assim, não me via como responsável de minha existência estava sempre esperando no/a outro/a minha “salvação”, afinal de contas, para uma criança negra que só ouvia comentários desagradáveis sobre sua cor de pele, se tornava cada vez mais desafiador estar na escola. Dessas lembranças, faço várias reflexões que contribuíram no processo de formação acadêmica, desde as vivências como a que tive com a professora que menciono abaixo, onde ela me tratava com afetividade e tinha muita atenção. Em contrapartida, o que eu precisava era me reconhecer pertencente àquele lugar, e isso ela não conseguia. Nesse sentido, como me reconhecer diante de todas as práticas discriminatórias que vivia diariamente na escola?

Lembro-me muito de uma professora que conseguia chegar até a mim, uma garota negra, com ternura de quem entendia o lugar que eu ocupava, buscando me incentivar ao máximo, me elogiando, me impulsionando a sair do mundo isolado que vivia para um mundo de interações e descobertas. Eu até tentava, mas logo me frustrava. Queria um reconhecimento que as pessoas não podiam me dar, era eu quem precisava me auto reconhecer. (Antônia Cristiane Lima Silva)

Da minha experiência autobiográfica posso compreender que, a forma como a criança negra se vê nos espaços escolares, diz muito sobre sua história pessoal e da construção da sua identidade afetada por noções básicas familiares.

Na minha experiência familiar, punições corporais e verbais dava lugar ao incentivo pelos estudos. Morávamos em uma chácara em Mestre Antonio, uma localidade do município de Caucaia- CE. Meu pai tinha muitas atribuições a fazer e queria que minha irmã mais velha e eu ajudássemos ele em suas tarefas. Ela ia sem questionar porque não queria mesmo ir para a escola, já eu não queria ir porque atrapalhava o horário dos meus estudos, o que me fazia sempre levar broncas ou até mesmo apanhar por desobedecer as ordens de meu pai, pois os estudos não podiam estar em primeiro lugar. Tínhamos que ir à escola para aprender a fazer o nome. Minha irmã mais velha não gostava de estudar, já eu era diferente, embora com muito medo, queria estar na escola todos os dias. Alguma coisa me dizia que era importante e que eu precisava ocupar aquele espaço. (Antônia Cristiane Lima Silva)

Através das histórias de vida de pessoas comuns, temos a oportunidade de aprender com suas trajetórias e com os processos formativos vividos por elas e, deste modo, ajudar a entender como podemos proporcionar mudanças na educação. Toda história tem versões que precisam ser contadas para que aconteça a apropriação do todo da história. Assim, por exemplo, lidar com o

sentimento de não pertencimento é corriqueiro na vida da criança negra. Esse sentimento machuca e inibe o direito de sonhar, fazendo com que essa criança seja um adulto limitado, que muitas vezes não acredita em seu potencial, acreditando, como já mencionado, que quando algo de bom acontece foi meramente sorte.

Diante disso, podemos entender o quão necessário são as histórias de vida para a formação docente, considerando que o processo de ensino/aprendizado vai além do que está escrito em livros e que as oportunidades de acesso a esses processos não são iguais para todas/os. Em meu caso, faltava desde o incentivo familiar, até à ausência de subsídios materiais para estar na escola.

Eu não estava nos padrões das demais crianças, eu nem ao menos tinha uma pasta para colocar o caderno. Infelizmente, algumas professoras me olhavam com um olhar de desprezo. Cheguei a ouvir a conversa entre duas professoras onde uma dizia que eu estava ali só por estar, talvez apenas pela merenda. (Antônia Cristiane Lima Silva)

A metodologia utilizada neste trabalho foi de produção e análise reflexiva de minha narrativa autobiográfica, o que proporcionou uma reflexão crítica acerca das práticas racistas que sofri no espaço escolar, sendo isso o que me motivou a pensar sobre possíveis mudanças pedagógicas a partir do meu processo de formação. Também foi realizada uma pesquisa bibliográfica na procura de embasamento teórico com o qual dialogo com os estudos de RIOS (2013), SOUZA (2014), FREIRE (2013), FERRAROTTI (1988), BRAGANÇA (2011), GOMES (2017), em textos de relevância para o meu objeto de estudo, que possibilitaram reflexões aprofundadas a respeito de quem sou e da minha identidade construída para o exercício da docência, a partir da minha reflexão autobiográfica.

Perceber como acontecem as contribuições de relatos de vida na inclusão da criança segregada por práticas racistas no ensino regular, requer um estudo aprofundado para promover uma relação docente/discente para um ensino/aprendizagem com igualdade e valorização das histórias de vidas como fontes de mudanças, pautadas no respeito às diferenças. Para melhor entendimento do fundamento científico do método autobiográfico, Franco Ferrarotti vai dizer que:

o método biográfico pretende atribuir à subjectividade, um valor de conhecimento. Uma biografia é subjectiva a vários níveis. Lê a realidade social do ponto de vista de um indivíduo historicamente determinado. Baseia-se em elementos e matérias na maioria dos casos autobiográficos, e, portanto, expostos às inúmeras deformações de um sujeito-objecto que se observa e se reencontra (FERRAROTTI, 1979.p. 21).

Sendo assim, o método autobiográfico atende a demanda que o trabalho busca evidenciar nos espaços escolares, trazendo para o contexto social crianças negras marginalizadas por um sistema educacional segregador que muitas vezes reproduz práticas racistas ao ponto de naturalizá-las. Portanto, considerar a subjetividade individual de cada indivíduo, pode nos direcionar à elaboração de pedagogias que atendam as especificidades não apenas individuais, mas também coletivas, pois sabemos que a solidão da criança negra se dá porque não sabemos pedir socorro, dificultando ainda mais a chegada do socorro que aqui se apresenta através da elaboração de métodos que atenda a todas/os sem distinção.

Dessa forma, o método autobiográfico contribui com este trabalho por permitir que dilemas de vidas sejam compreendidos, ao mesmo tempo em que podem proporcionar mudanças na educação. *“As pessoas querem compreender a sua vida quotidiana, as suas dificuldades e contradições, e as tensões e problemas que lhes impõe. Desde modo, exigem uma ciência das mediações que traduzia as estruturas sociais em comportamentos individuais ou microsociais”* (FERRAROTTI, 1979, p.20).

Nesta perspectiva, este trabalho de cunho autobiográfico, espera contribuir com meus aprendizados de vida, na tentativa de que outras crianças não escutem o que eu ouvi de uma professora no terceiro ano do ensino fundamental.

Ainda hoje lembro o nome da professora. Ela, de fato, me marcou. Pena que de uma forma tão maldosa. Mas, esse não foi um fato isolado, aconteceram outras vezes de forma semelhantes, diferentes e muitas vezes bem mais agressivas.

Mesmo passando por muitas dificuldades, eu ia alimentada para a escola, mas a professora preferiu me julgar pelo simples fato de eu ser negra e pobre, logo passava por privações de alimentos. Ela não conhecia minha realidade e, portanto não tinha propriedade e nem estava disposta a entender minhas dificuldades na aprendizagem. A timidez era um fator determinante em meus resultados, sendo percebida apenas por uma professora, essa se sensibilizava e buscava me incluir em todas as atividades possíveis, embora eu sentisse em seu olhar muita pena, o que me fazia sentir também pena de mim. Considerava-me incapaz de ir à frente e falar diante da turma, como se eu não soubesse de nada. Era dessa forma que eu me via.

Eu tinha vontade de entrar em um buraco na sala de aula quando o assunto era os escravizados. Na minha cabeça, eu só conseguia agradecer por não ter nascido naquela época, afinal sempre alguém dizia: “tia se ela tivesse nesse tempo ela era escrava?”, Suava de

vergonha, afinal, a classe toda olhava para a fileira encostada na parede, na segunda cadeira próxima ao quadro, esse era o lugar que eu sempre me sentava. Buscava a invisibilidade como forma de sobrevivência, afinal, tudo que era falado de negras/os eram histórias de sofrimento que ninguém queria seguir.

A professora não tinha muito a dizer, desconversava e seguia com a explicação. Essa indagação era sempre feita por um mesmo menino, também negro, porém com um tom de pele mais clara, e por seu melhor amigo, um loiro que só ia para a escola com um lenço no cabelo, era a sensação das meninas. Eles sempre me colocavam em situações constrangedoras perante a turma, tendo vezes de me fazerem chorar de tanto pavor. Em casa não podia contar porque era eu a culpada, e a solução seria me tirar da escola, por não ser isso que eu queria, me calava. Hoje entendo os conflitos que aquele menino negro tinha, na verdade ele colocava em cima de mim todo sofrimento que carregava em seu tom de pele, porque por mais que ele fosse de um tom de pele mais claro, ele também sofria discriminação e estava sempre fazendo as atividades dos colegas provavelmente para ser aceito no grupinho. (Antônia Cristiane Lima Silva)

Os relatos apresentados até aqui, confirmam que as experiências de vidas contribuem muito para tornar o processo de aprendizagem leve e prazeroso, demonstrando que nossas diferenças não nos tornam diferentes de ninguém, nem mais, nem menos, afinal, a proposta deste trabalho não é classificar quem é bom ou ruim, e sim mostrar que nossas experiências são fundamentais na forma em como aprendemos e na forma como transmitirmos conhecimentos.

No primeiro capítulo, descrevo um pouco sobre quem sou e como as vivências familiares e escolares impactaram em meus processos educacionais. As reflexões levaram em consideração as experiências vividas no processo de alfabetização e a experiência que tive com a docência após a conclusão do segundo grau, que foi no pedagógico, o que na época dava direito a ensinar, e como essas experiências me levaram ao curso de pedagogia.

O segundo capítulo, faz um reflexão sobre como os relatos autobiográficos podem contribuir na promoção de mudanças nas práticas pedagógicas e nos processos formativos, mostrando que, a partir das vivências do passado, podemos criar mecanismos capazes de contribuir com os resultados de aprendizados, baseando-se na relação professor/a-aluno/a, entendendo que essa relação é uma construção diária, e que, portanto, percorrer esse processo contribui para entender o contexto em que a criança negra está inserida, tendo como resultados, uma boa aprendizagem e alunas/os motivadas/os a trilharem caminhos com base na experiência

obtida em sala de aula, que por sua vez podem ser boas ou traumáticas, como foram as minhas, e que, mesmo assim, foram fundamentais para entender as práticas racistas na escola.

Por fim, o terceiro capítulo traz reflexões sobre o combate ao racismo no espaço escolar considerando as vivências na universidade e seus processos de ensino/aprendizagem na formação acadêmica, como suporte para elaboração de pedagogias antirracistas a serem utilizados no exercício da docência, fundamentais na construção da identidade pessoal e profissional da população negra, evidenciado as culturas como base para o fortalecimento da criança negra e de como usar práticas pedagógicas no combate ao racismo escolar.

Finalizo ressaltando a importância de narrar a própria história de vida e de aprender com as experiências formadoras e os processos formativos nela contidas, por permitir um contato com as experiências passadas para criação de novos conceitos e práticas pedagógicas que agreguem na valorização da identidade da/o profissional docente, e que, a partir daí, a criança negra tenha oportunidades iguais, e direito de ir para a escola sem sofrer com o racismo, tendo conhecimento sobre seu papel social, como forma de quebrar com os estereótipos atribuídos à criança negra, e como possibilidades no combate ao racismo dentro das escolas.

CAPITULO I

PROCESSOS EDUCACIONAIS: DA FAMILIA À ESCOLA; DA ESCOLA À UNIVERSIDADE

1.1 Da família à escola

Meu nome é Antônia Cristiane Lima Silva, tenho 43 anos, natural de Redenção-CE, casada e com um filho 18 anos de idade. A segunda de seis irmãs, filha de agricultores, meu pai analfabeto, minha mãe sabia ler e escrever apenas o essencial. A primeira e única filha até hoje a ingressar em uma universidade. Meu pai por não saber ler nem escrever tinha interesse para que as filhas aprendessem, porém para ele era necessário apenas saber fazer o nome, já minha mãe mesmo sabendo ler e escrever não demonstrava nenhum interesse em ensinar suas filhas, para ela aprender apenas fazer o nome já estava de bom tamanho. (Antônia Cristiane Lima Silva)

Esse era o contexto familiar em que eu estava inserida, ou seja, foi difícil entender que não tive o apoio necessário, sendo que nos primeiros anos escolares, o papel da família é essencial para a entrada e permanência da criança, ainda mais quando se trata de uma criança negra, que por ser negra, já enfrenta muitas dificuldades. Por outro lado, venho de uma família que não estava preparada para lidar com questões raciais e era comum que as crianças não fossem

para a escola, considerando que a escola ficava em outro município e não existia transporte escolar gratuito.

Devido às dificuldades que tive na escola, me propus a fazer um percurso reflexivo do período em que iniciei meu processo de alfabetização, das relações familiares, no contato com a escola e os impactos dessas experiências na formação docente com base em relatos autobiográficos. Os relatos aqui apresentados, fazem-se necessários por permitir uma aproximação do processo de alfabetização vivido pela autora, como forma propulsora de mudanças nas práticas pedagógicas, sendo que essas mudanças devem levar em conta as vivências das crianças e, para isso, a atuação docente precisa ser reformulada, baseando-se no acolhimento individual e coletivo da criança negra.

As crianças são discriminadas por marcadores sociais e reagem de formas distintas às mudanças propostas de novas práticas pedagógicas, mas que, ainda assim, devem ser utilizadas pelo docente no compartilhamento de saberes. Desta forma, visamos promover um debate que venha de encontro à realidade vivenciada por crianças negras no espaço da sala de aula e que muitas vezes é marcado pela dor e solidão.

Quantas vezes estive presente na sala de aula apenas de corpo? Minha mente estava focada na tristeza em ser tratada com desigualdade, o que causava em mim um sentimento de não pertencer aquele espaço. (Antonia Cristiane Lima Silva)

Na busca de identificar novos métodos de ensino que combata essa desigualdade, é necessário entender o contexto em que a criança está inserida. Em meu caso, cresci em um contexto de distanciamento ou da não valorização dos estudos, isso dificultava bastante justificar meu interesse em saber sempre um pouco mais. Considerando a época vivida, na década de 80, muitas famílias em situação de pobreza como a minha, não demonstravam interesses na continuidade dos estudos.

Era comum que a escolaridade se resumisse apenas no primeiro grau, por diversos fatores, mas o principal era a condição econômica de muitas famílias. Estudar era um sonho de muitos, mas a realização era de poucos. Vale ressaltar que essa não era a realidade de todos, mas era minha realidade. Cresci ouvindo meus familiares dizer que estudo era para os ricos, tanto que iniciei meu processo escolar em casa, e só mais tarde frequentei a escola.

Meu primeiro contato com a escola formal foi aos seis anos de idade, até então meu processo de alfabetização iniciou-se quando ainda morava em uma localidade do município de Redenção e, como a escola ficava distante de minha casa, meus pais me colocaram para estudar na casa de uma moça vizinha, que por uma pequena quantia em

dinheiro ensinava eu e outras crianças. Foi um período bastante difícil devido a vários fatores, como a falta de materiais e até mesmo pela dificuldade que eu tinha em aprender. Mesmo a professora tendo boa vontade, não tinha formação para ensinar, o que provavelmente dificultou muito meu processo de alfabetização, pois ela usava um método de ensino para todos/as. Contudo, compreender como se deu esse processo pode contribuir com outros métodos de ensino/aprendizagem. (Antônia Cristiane Lima Silva)

A dificuldade em aprender me trazia algumas questões: Como ter crescimento profissional sem estudos? Essa era minha maior inquietação, pois na minha cabeça os estudos estava ligado simplesmente ao fator financeiro. Era com os estudos que eu iria ganhar muito dinheiro e mudar minha realidade. Talvez essa limitação que me movia, me colocava cada vez mais distante daquilo que eu julgava ser meu objetivo. Era impossível pensar em educação como fonte propulsora de mudanças, mudanças essas que trariam o dinheiro como consequência, jamais como a causa da busca pelo conhecimento.

Na verdade, não tive muitas escolhas, sendo mulher, negra e pobre, marcadores que me empurravam para a margem da sociedade, mesmo sem entender ao certo o que acontecia, eu sentia que faltava algo, alguma coisa não estava correta, ou melhor, faltava o respeito, afinal de contas, eu era apenas uma menina com 11 anos de idade querendo ser grande. Assédios também estavam presentes, mas eu achava que era culpada por usar roupas curtas e ter um corpo avantajado, o que tornava meu corpo mais adulta considerando a pouca idade. Trazer no corpo essa característica de um corpo com mais formas me incomodava muito. Queria ser como minhas poucas colegas, magras e sem muitas formas, uma tentativa inocente de andar pelas ruas sem ser notada, ou melhor, sem ser assediada. (Antônia Cristiane Lima Silva)

Atualmente, existe marcos legais que penalizam atitudes desrespeitosas como as que sofria diariamente.

Desde cedo precisei trabalhar, o que me fazia todos os dias passar por bares, praças, aonde grupos de homens se reuniam e sempre mexiam comigo. Lembro que a noite, quando eu ia para aula, fazia um percurso um pouco mais longo para fugir do constrangimento de ouvir “isso é que é mulher, não a que tenho em casa”, ‘oh boneca assim você me mata”. Comecei a estudar à noite na 6ª série porque tinha que trabalhar durante o dia para contribuir com o sustento da casa, porque meus pais já estavam separados.

Frases como essas eram constantes, sem falar das frases de cunho racista que ouvia sempre, ainda tinha que tolerar comentários sobre meu corpo, meu jeito de vestir. Eu não sabia que o que estava acontecendo comigo era crime, eu ficava triste e tentava fugir dos lugares aonde tinha essas pessoas, eu era apenas uma menina com um corpo de mulher, o que não dava o direito de me desrespeitarem.

Por muitas vezes eu queria falar para alguém, mas o medo do que iam dizer me fazia silenciar. Ainda mais porque eu acreditava que estudando, muito aquelas situações de desconforto iriam acabar. Trazer essas vivências para motivar outras meninas negras que, assim como eu, sofrem por serem objetificadas por características físicas, possa ser um caminho de resistência na luta contra as mazelas sociais das quais mulheres negras sofrem constantemente.

Até então eu não entendia por que eu era diferente, era assim que eu me considerava, diferente das outras meninas, e essas diferenças me traziam muitas dores na vida social, familiar e escolar. Coloquei na cabeça que era preciso trabalhar para ter dinheiro,

porque alguma coisa deveria mudar, afinal, eu via na TV que as mulheres não passavam as coisas que eu passava, eu só não conseguia ver que o que eu passava estava mais relacionado ao fato de eu ser negra do que mesmo mulher pobre. De toda forma, essas dores fizeram com que eu me agarrasse a ideia de que eu precisava sair daquela situação e que o dinheiro iria ajudar, porém tinha outro fator importante que contribuiu para que esse sonho libertador não acontecesse.

No decorrer desse tempo meus pais haviam se separados e eu precisava ajudar em casa, diante disso me agarrei ao trabalho no comércio, por entender que era o que me oferecia possibilidade de contribuir no sustento da casa. As aulas não podiam ser mais prioridades em minha vida, na verdade nunca poderão. Agora mais do que nunca eu precisava ajudar em casa financeiramente, afinal eram seis irmãs e minha mãe não tinha emprego, começou a procurar trabalho como doméstica para colocar o alimento na mesa. Eu ainda sonhava e continuava estudando a noite, pois ainda via na educação formal a possibilidade de alcançar uma realidade diferente da qual a sociedade com todos os seus marcadores sociais que discrimina, seja pela cor, raça, gênero nos colocava. (Antônia Cristiane Lima Silva)

Mudar essa realidade é possível, e o presente trabalho demonstra que histórias de vidas podem induzir pessoas a buscarem formas de estar em sociedade pautada com suas próprias escolhas. Sigo acreditando nesse ideal, mesmo apesar de toda dificuldade já vivida e que ainda vivo, como mostrarei no decorrer da escrita. Ainda assim, acredito na docência, e que através dela possamos construir um mundo com mais igualdade, uma sociedade menos racista, com mais empatia para com o outro. Por acreditar na educação e que através dela podíamos modificar realidades, tive minha primeira experiência com a docência após concluir o ensino médio.

1.2 Experiência com a docência

Pensar nas contribuições do método autobiográfico como suporte ao método clássico é mostrar como o método autobiográfico pode agregar valores às diversas formas de conhecimentos. Sendo assim, SOARES (2012 p. 03) vai dizer que “*colocar a pessoa do professor como uma das centralidades do processo formativo é fundamental, uma vez que permite entender o significado do desenvolvimento pessoal no processo profissional do trabalho docente.*” Ou seja, refletir sobre sua vida e se conhecer favorece a construção de um profissional reflexivo na atuação docente.

Pensando nessas contribuições, me debrucei sobre minhas vivências passadas e experiência com a docência como possibilidade de construção social, onde o racismo e outras formas de preconceitos não mais possam destruir sonhos e projetos de vidas. Como continua afirmando SOARES (id) “*a autobiografia não apenas descreve a trajetória de vida do sujeito como também pode ajudar a selecionar e orientar a busca de oportunidades profissionais*”

Esses pontos legitimam a reflexão que faço em acreditar que as experiências de vidas que tive foram decisivas para iniciar a construção do meu ser docente, pois mesmo com tudo que sofri no processo de alfabetização, acreditei em uma educação que transformasse, e tive experiências maravilhosas com a docência, um dos motivos da escolha pelo curso de pedagogia.

Mesmo sem a consciência da gravidade do que vivi, sofri com o racismo sem saber o que era, sentia que o desejo em mudar aquela realidade era cada vez maior, não sabia de que forma isso poderia acontecer, mas entendi que era através da educação. Foi então que surgiu um projeto do governo chamado “Educação Solidária”, que teve como prova de seleção, uma redação. Fiz, e para minha surpresa, passei, mesmo trabalhando no comércio no período diurno, ensinei por seis meses a noite em uma localidade chamada Itapaí, na cidade de Redenção-CE. As aulas eram à noite, para pessoas semianalfabetas, pois a maioria não sabia nem fazer o nome direito.

Um mundo de possibilidades se abria em minha frente, os medos do passado ganharam novas formas, agora bem mais agressivas e reais. Apesar de tudo, conseguia manter os senhores e senhoras em sala de aula, queria muito trazer coisas novas, mas a falta de experiência me limitava, até buscava ajuda das veteranas e todas me diziam para passar alguma tarefa no quadro porque aquelas pessoas passavam o dia trabalhando e não se importavam com novidades, queriam apenas aprender seus nomes.

Como naquele tempo não tínhamos acesso à internet, todo material de pesquisa eram os livros didáticos. Lembro de uma vez ter levado o globo terrestre que peguei emprestado com a mãe de uma amiga para dar aula de geografia, recebi na hora o retorno dos/as alunos/as elogiando e pedindo outras aulas iguais, e mesmo com dificuldade fiz o melhor que podia e sempre me emocionava ao ver aqueles que iniciaram com muita dificuldade em fazer o nome, escrevendo, mesmo que ainda no processo de alfabetização. (Antônia Cristiane Lima Silva)

Nesse primeiro contato com a docência, aconteceram muitas dificuldades, o que foi decisivo para entender que o processo de alfabetização pode ser algo prazeroso e não uma tortura. Tudo depende de quais são minhas perspectivas enquanto educadora. Viabilizar caminhos para colocar essas/es alunas/os diante do novo, é se permitir e dar direcionamentos positivos a partir de suas experiências individuais enquanto educadora/or. Mesmo que essas experiências tenham deixados marcas de um passado difícil, podemos tirar as lições que a vida oferece e possibilita a outras pessoas melhores condições na busca pelo seu desenvolvimento pessoal e educacional.

Entender como acontecem os processos de educação, possibilitando uma ampliação tanto na teoria como nas práticas pedagógicas com intuito de buscar mudanças a partir das histórias de vidas, já que:

A educação coloca-se, dessa forma, como prática social, tanto em sua vertente institucionalizada como em sua vertente informal. Já a formação é um processo interior, ela liga-se à experiência pessoal do sujeito que se permite transformar pelo conhecimento. Assim, podemos afirmar que, potencialmente, todos os espaços e tempos da vida são espaços e tempos de formação, de transformação humana (BRAGANÇA, 2011, p. 158).

De fato, o conhecimento tem o poder de transformar e modificar vidas em sociedade. Trazer o trabalho autobiográfico para o cotidiano das pessoas, consiste em permitir uma maior aproximação do sujeito na imersão de suas memórias, possibilitando compreender o impacto de suas experiências de vida, até então incompreendidas. Levar para dentro do espaço escolar uma releitura de vivências nas histórias de vida das crianças, possibilita uma reflexão sobre a urgência em se abordar temáticas que possibilitem à essas crianças, se conhecerem e entenderem os espaços em sua volta.

Com base no marco da lei 10.639/03, temos a oportunidade de colocar no currículo escolar métodos que atendam a todas as classes esquecidas, e que muitas vezes entram em uma estatística de evasão escolar por não terem apoio até mesmo dos familiares, que também são despreparados em lidar com as crueldades que são reproduzidas na escola e nem sequer são percebidas. Menciono essa lei, em especial, por entender a importância dela na construção de identidade e na aceitação da ancestralidade. Ancestralidade essa que estava presente na sala de aula e, por puro desconhecimento meu, não soube trazer a sabedoria contida em cada mulher e homem presente, para fortalecer a troca de saberes, fundamental na valorização da cultura afro-brasileira.

Como a falta de conhecimento era presente, muitas vezes fui empurrada por determinadas circunstâncias a desistir de meus sonhos por ser quem sou. Parece estranho, mas é comum crianças negras ouvirem que não irão chegar a lugar nenhum por não ser igual ao vizinho que só tira boas notas, ou mesmo por não estar nos padrões aceitáveis que algumas pessoas insistem em disseminar como verdade absoluta. Daí a necessidade de se trabalhar os relatos de vida como forma de mostrar que somos parte de um mesmo processo e que temos direitos a sermos diferentes.

Chegou um tempo de minha vida que desacreditei na educação, decidi que não queria mais estudar. Já estava no último ano do segundo grau, faltava as aulas, pulava o muro da escola, fugia se via o portão aberto, até que reprovei. Minha mãe nunca falou nada, acho que nem notou minha reprovação, afinal, eu saía todos os dias para aula, só não chegava na escola. Ficava na praça até dá a hora de voltar para a casa para não levantar suspeitas. Tanto nesse período quanto quando eu estava ensinando, minha mãe não se dava conta se eu estava estudando ou ensinando, ela não demonstrava interesse, mesmo eu sabendo que ela se preocupava comigo eu sentia falta da demonstração de cuidado. (Antônia Cristiane Silva)

Por essa razão, a família precisa ser a continuidade da escola, no sentido de acompanhar o processo de perto. Na minha história, apenas eu era responsável por meus atos. Mas eu era uma adolescente querendo desbravar o mundo do meu jeito. Acredito que minha mãe soubesse de

minha reprovação do ano letivo e da aprovação na seleção do projeto da “Educação Solidária”, mas ela tinha outras coisas para se preocupar e não tinha tempo para me acompanhar de perto. Talvez, ela confiasse tanto em mim, e eu querendo mais atenção da família e da escola, ou apenas não soubesse como lidar com a situação.

O que quero dizer com tudo isso é que a falta de interesse e a desmotivação chegou por várias vezes.

Muitas vezes pensei em desistir, parar de estudar, e simplesmente ir sobrevivendo, mas eu já tinha sonhado alto demais para parar por ali. Eu tinha tido experiências gratificantes que me faziam continuar sonhando. Mesmo apesar de tudo eu ainda acreditava na educação. Acreditava nas pessoas e a experiência de ensinar foi fundamental para continuar sonhando com a docência, embora essa seleção me trouxesse muito desconforto.

Fiz a prova com outras meninas de escola pública e de escolas particulares. Uma menina de escola particular não passou. A mãe dessa menina tinha uma mercearia onde eu sempre ia fazer alguma compra. Precisei parar de frequentar, porque não aguentei os questionamentos que a mãe da menina fazia sempre: “como pode minha filha não passar e tem gente que trabalha no jogo do bicho passar”. Sim, eu trabalhava encerrando cadernetas onde eram feitas as apostas em uma agência chamada “Paratodos”, nome dado ao espaço que fazia e encerrava jogo do bicho. Mesmo sendo contravenção, funcionava livremente e eu trabalhei por cinco anos porque era muito difícil emprego para mulheres naquela época. Lembro que ganhava um pouco mais de meio salário mínimo da época.

Só sai quando encontrei um emprego de vendedora em uma loja de roupas ganhando bem menos, mas a função era legalizada. Isso incomodava muito aquela senhora, ela não se importava comigo, se me magoava ou não, queria apenas externar toda raiva que tinha devido sua filha não ter passado na seleção. Logo ela associava minha capacidade ao fato de eu vir de escola pública e trabalhar fazendo jogo de bicho, motivo para ela suficiente para eu não passar.

Entender tudo isso era muito difícil, nem pensar eu conseguia, me fazia muito mal porque sempre que ela me via começa a falar alto para quem quisesse ouvir. Eu já era uma adolescente com medos, traumas que se agravavam na medida em que ouvia aqueles insultos. Ficava muito triste, mas buscava forças onde não tinha para continuar motivada: dar as aulas e superar toda essa fase. Que só passou quando aquela mulher esqueceu de mim e parou de me xingar. Essa memória me traz dores, mas é necessária ser lembrada para mostrar que nossas capacidades não estão no que outras pessoas veem e sim na verdade que trazemos consigo. (Antônia Cristiane Silva)

Mesmo com todos os acontecimentos que levavam ao desânimo, prossegui. A caminhada foi e está sendo longa, porém necessária, afinal, foram tantos anos submetidos ao domínio do colonizador, que não seria de uma hora para outra que estaríamos livres e confiantes. A identidade negra ainda é muito atacada, porém, agora sabemos exigir respeito. Esse respeito se inicia com a chegada de uma universidade pensada para a integração nas relações étnico-raciais, a UNILAB.

1.3 Da escola à Universidade

Em meio a sonhos e incertezas, segui acreditando que o nível superior não era para mim. Segui trabalhando no comércio. No ano de 2010, chega na cidade de Redenção, a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), fazendo assim reavivar meu sonho de voltar a estudar. Mesmo sendo na minha cidade, eu ainda achava muito distante de mim, pelo fato de já está vários anos sem estudar. Achava impossível passar no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). No ano de 2012 resolvi que iria fazer o ENEM, me matriculei em um cursinho em uma escola pública, frequentei por uma semana, porque logo em seguida descobrimos um câncer em uma das minhas irmãs, um grande baque na família, haja vista que estava com 3 anos que havíamos perdido uma irmã por conta de um AVC. Ver outra irmã doente, remetia à perda novamente, o que me fez perder totalmente o foco.

Abandonei o cursinho e agora tentava estudar alguma coisa em casa por incentivo do meu filho, nessa época com nove anos de idade, e de meu esposo. Em meios a tantas lutas, fiz o ENEM, e logo em seguida viajei para Rio Grande do Norte, para a cidade de Natal, porque minha irmã ia passar por um transplante de medula óssea, e eu fui à única compatível com ela. Passei 40 dias em Natal. Em meio a tanta tristeza, fiquei nos classificáveis do curso de Humanidades da UNILAB. Alegria e tristeza tomaram conta de mim, alegria por ter a possibilidade de ingressar na universidade, tristeza porque tudo era muito incerto, estava apenas nos classificáveis e ainda tinha a questão da saúde de minha irmã que era muito grave e segundo o médico, as chances dela eram poucas.

Enfim, ela passou pelo transplante de medula óssea com sucesso, mas permaneceu na cidade de Natal por mais alguns meses, totalizando 6 meses, vim embora com 40 dias. Depois de algum tempo fui chamada para UNILAB, enfim meu sonho se tonara realidade. No primeiro dia de aula na Componente iniciação ao Pensamento científico, ministrado pela Prof^a Dr^a Violeta Holanda, ela nos pediu para fazermos uma carta que representasse a entrada na universidade. Lembro que o tempo todo eu agradecia a Deus pela sorte de ter sido selecionada. Até ali eu não via mérito nenhum em mim, por ter atingido notas suficientes para passar e estudar na UNILAB, acreditava na sorte, hoje entendo que fiz por merecer. Estudei para atingir a nota!

Na realidade, a sorte que eu atribuí o fato de ter passado para estudar na UNILAB, se dava ao fato do não merecimento, do complexo de inferioridade que estava lado a lado comigo me dizendo que alguns lugares não eram para mim. Nesse sentido, Frantz Fanon vai questionar

“Sentimento de inferioridade? Não, sentimento de inexistência. O pecado é preto como a virtude é branca. Todos estes brancos reunidos, revólver nas mãos, não podem estar errados. Eu sou culpado. Não sei de quê, mas sinto que sou um miserável (2008, p 125)”.

Esse era o sentimento que eu não sabia explicar, embora segundo a professora Eunice Prudente, em sua coluna Educação e Direitos na rádio USP, traz dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), onde diz que no Brasil, 54% da população é negra. Mesmo sendo mais da metade da população, não é comum estarmos em lugares de poder. Como me sentir merecedora se o tempo todos estamos sendo apontados por marcadores sociais? Porque a maioria da população continua sendo invisibilizada? Tais questionamentos atormentavam e me motivavam a seguir na busca de respostas.

Uma infância e adolescência marcada pela invisibilidade não podia ser diferente, a mulher adulta que me tornei tinha uma criança ferida presa a lembranças de discriminação, precisando sair e se impor. Gritar ao mundo: eu existo e vou atrás de meus direitos. Esse grito iniciou-se quando me reconheci merecedora, tarefa nada fácil, pois como já mencionei, o processo de colonização do qual fomos submetidos fez com que pensássemos que não tínhamos capacidade. E assim vivi por muito tempo.

Esse sentimento de não pertencimento meu, como também de outras crianças negras, começou a se romper quando vi infinitas possibilidades para mudar a realidade a partir da apropriação dos conhecimentos adquiridos na formação docente. Por isso, os relatos autobiográficos são fundamentais na promoção de mudanças nas práticas pedagógicas, pois assim como eu não me via nesses espaços por me senti inferiorizada e incapaz de ocupar, várias outras crianças negras também passam por essa mesma situação. A população negra precisa estar em todas as estruturas sociais, e com a universidade não pode ser diferente, pois esse espaço possibilita reflexões para a promoção de pedagogias antirracistas.

CAPÍTULO II

RELATOS AUTOBIOGRAFICOS NA PROMOÇÃO DE MUDANÇAS NAS PRÁTICAS PEDAGOGICAS.

A partir do que esse trabalho autobiográfico vem propondo, podemos desenvolver práticas pedagógicas que abordem a docência de forma reflexiva, acerca de como compreender o contexto

social da criança negra dentro do espaço escolar, que por consequência vai refletir fora da escola. Analisar relatos autobiográficos de forma reflexiva nos permite desenvolver atividades fora das exigidas no livro didático, o que contribui na promoção de novas práticas pedagógicas e na forma de como executar as práticas propostas no planejamento de aula com leveza, tornando o convívio entre professor/a - aluno/a um processo de compartilhamento de saberes.

Essa necessidade surge desde muito cedo e pode ser trabalhada durante toda a vida nas práticas de convívios com outras pessoas, seja na família como em sociedade. Afinal, todos nós temos formas de aprender e ensinar distintas umas das outras, e todas são válidas, o que reforça ainda mais a necessidade de considerar experiências de vidas na elaboração de pedagogias a serem usadas em sala de aula. Fato é que:

A narração das histórias de vida vem como movimento propriamente humano de contar histórias e ressignificar experiências do passado que vão se desdobrando em projetos de futuro. No caso da formação docente, ao narrar o passado, vemos surgir uma versão sobre nós mesmos, os encontros e desencontros com a profissão e, ainda, as imagens da docência entranhadas no imaginário coletivo e individual. Encontramos, dessa forma, na investigação e na prática, múltiplas contribuições do aponte (auto)biográfico para a formação docente (SOUZA, MIGNOT. 2008, p.81).

As contribuições autobiográficas induz passar por um processo de ressignificação, o que não é tarefa fácil, pois na maioria das vezes é um processo solitário, assim como as dores causadas pelo racismo. É preciso que o/a docente tenha empatia pela história de vida de seus/suas alunos/as, tendo a sensibilidade de trazer esse/a aluno/a para o mundo das letras, considerando suas especificidades, e com isso contribuir para que o processo solitário das consequências do racismo possa ser partilhado, para assim amenizar as marcas por ele deixadas.

Desde muito cedo, a criança negra sente a rejeição ao iniciar seu processo de alfabetização fora do convívio de amigos/as e familiares. Na escola nos deparamos com crianças de diversas culturas, todas trazendo consigo aprendizados e ideias formadas acerca do que é ser humano, ou de como nos vemos em sociedade. Como já mencionado, *desde cedo senti que algumas pessoas me tratavam com diferenças, algumas até com pena, parecia que minha capacidade intelectual era menor do que das outras crianças.* (Antônia Cristiane Silva)

Mesmo sem o/a docente ter consciência, toda e qualquer atitude por ele/a tomada junto à sala de aula, as crianças tomam conhecimento e, mesmo não compreendendo, elas sabem que alguma coisa está acontecendo.

Por várias vezes via os olhares de algumas professoras para mim. Sempre a professora Nilza, essa me tratava com afeto, estava tentando fazer com que eu participasse das aulas, mas não conseguia disfarçar o olhar de pena, e sempre estava nessas conversas e normalmente era ela quem vinha falar comigo, seja para mandar um recado para meus pais, como acontecia quando eles atrasavam a taxa da caixa escolar que seria uma pequena quantia que era paga a escola para custear materiais como xerox, etc, ou para conversar e saber por que eu não saía no intervalo, coisas do tipo. (Antônia Cristiane Silva)

Hoje entendo que atitude dela talvez fosse apenas para me ajudar. Mas na época, me incomodava demais.

Eu me sentia mal com as inúmeras tentativas dela de me fazer falar em público, em querer que eu fosse brincar com outras crianças, quando na verdade eu sentia que elas não me queriam por perto. Era uma verdadeira tortura todos aqueles questionamentos que ela me fazia. Eu queria apenas ser invisível, talvez assim eu não fosse tão incomodada, minha atitude era um mecanismo de defesa que eu havia desenvolvido pelas frustrações de tentar ser aceita nos grupinhos e não conseguia, até ficava, mas eu não fazia parte do contexto.

As brincadeiras que as crianças faziam sempre me excluíam. Certa vez, a brincadeira era ver quem tinha a boca e a língua mais rosada. Eu animada, agora é minha vez, mas para minha tristeza, a colega disse: 'ela não pode porque a boca dela não é bonita como a nossa'. Quis morrer, envergonhada, fui sentar-me no meu lugar. Era intervalo, mas estávamos na sala, a professora sentada em sua mesa fingiu não ter acontecido nada, olhou e baixou a cabeça. Nessa turma tinha uma menina que foi cantora por alguns anos de uma banda de forró bem famosa, sua família era dona da banda de forró. (Antônia Cristiane Silva)

O relato acima demonstra que, mesmo sendo praticada por crianças, a discriminação deixa marcas profundas. Depois que cresci, vim embora, e sempre que ia a uma festa que a banda da família dela estava, ela cantando ou não, eu me sentia mal. Ela não foi à criança que não me deixou brincar, mas todas as outras riram e aquilo mexeu muito comigo, mesmo eu já na fase adulta, nunca falava, sentia vergonha de mim, porque era em mim que tinha alguma coisa de errado, esse foi meu sentimento por longos anos de minha vida. Hoje vejo que poderia ter sido tratado se a professora soubesse mais sobre cultura, o que a levaria entender minha vida.

Certa vez ouvi uma conversa entre minhas professoras que me marcou muito. Elas, umas três professoras, não vou lembrar o nome de todas, mas a professora Nilza era uma delas e falava que eu deveria sofrer muito por ter um pai que bebia muito. Uma outra disse: deve até ser agressivo com as filhas, deve ser por isso que todas são tão caladas, talvez por medo. Na ocasião eu e mais duas irmãs estudávamos nessa mesma escola. Era verdade, meu pai bebia muito, o que de certa forma gerava uma tortura psicológica pelo fato dele sempre brigar na rua, e vim se armar em casa. Não brigava com a família, mas sofriamos muito com a aquela situação.

Aquela conversa ficou marcada, eu passei a ver meu pai como um homem ruim que maltratava as filhas. Ele não nos agredia, mas na minha cabeça, se elas falaram aquelas coisas era porque era verdade. Eu via nas professoras uma verdade fora do comum, elas sabiam sempre de tudo e sempre estavam com a razão. Meu respeito era tão grande que se uma falasse comigo eu entrava em pânico, porque na minha cabeça

*eu tinha feito algo de errado, não importava o motivo eu sempre achava a mesma coisa.
(Antônia Cristiane Silva)*

A verdade que eu via nas professoras, me refiro assim porque todas eram mulheres, não condizia com a verdade em sua totalidade. Era apenas uma verdade que elas criaram sobre mim. Elas podiam estar certas de que meu pai bebia muito, mas ele não nos agredia fisicamente como elas insinuaram. A agressão a que eu estava exposta, era agressão psicológica, a mesma que elas, mesmo sem consciência, também faziam contra mim, por estarem sempre tecendo comentários de minha vida, sem se preocuparem se eu estava ouvindo ou não. *Devido à minha pouca idade eu achava que era daquele jeito sempre, a razão estava com elas.* (Antônia Cristiane Silva)

No decorrer da vida entendi que aquelas falas se tornaram parte de mim. Certo ou errado, essas falas não faziam parte do meu julgamento, mas eu simplesmente passei a reproduzir esses pensamentos de forma constantes. Com isso eu adotava aqueles pensamentos a ponto de não falar com meu pai quando ele bebia. Uma defesa foi criada, desenvolvi um mecanismo que segundo minha percepção me protegia do meu pai, mais de quê? Que proteção era essa que eu buscava, se todos os conflitos eram meus? Internos ou externos permaneceram por longos anos de minha vida. Entendimento este que hoje consigo com a experiência autobiográfica, pois: *“Narrar é enunciar uma experiência particular refletida sobre a qual construímos um sentido e damos um significado”* (SOUZA, 2007. P.66).

Desta forma, podemos perceber a importância do uso do método autobiográfico na construção e lapidação da identidade humana. O profissional docente, não pode esquecer que cada criança em sala de aula, negra ou não negra, tem uma história em construção, onde traz consigo culturas, além de memórias individuais e coletivas. Daí o cuidado que se deve ter em conhecer as especificidades nas histórias de vida de cada criança, e junto a essas informações desenvolver pedagogias que atendam a cada uma sem prejuízo no processo de construção cultural. Com isso podemos dizer que:

O reconhecimento da legitimidade dessas fontes para a pesquisa em História permitiu que vozes, até então silenciadas pela História tradicional, reivindicassem o direito de falar, o que expôs o fato de que a História é, também, um campo de tensão e disputa. Assim os negros, as mulheres, os índios, os homossexuais vão buscar na indagação do passado, a partir de suas memórias individuais e coletivas, as circunstâncias sociais e culturais que os conformaram no tempo presente e que permitem pensar em projetos para o futuro. (SOUZA, 2007. P. 63)

Assim, evidencia-se a importância das contribuições da autobiografia nos processos formativos docentes, pois a partir do que vivemos, quando refletido, podemos aprimorar e buscar formas que abrace as diferenças em sua totalidade. Essa apropriação ajudaria a diminuir a invisibilização que sofrem as crianças negras, pobres, dentre outros marcadores sociais, com base na qual são estereotipadas diariamente na escola. Como aconteceu quando eu fazia o ensino regular, as meninas da sala estavam brincando de olhar a cor da boca, dos olhos... até tentei fazer parte mais logo me disseram que eu era feia, estranha e que não podia brincar.

Como crianças reproduzem tais práticas dentro da escola com tanta naturalidade? Como seria se essa mesma criança começasse a entender desde cedo que todos têm suas especificidades e que mesmo sendo diferentes somos iguais, e que julgar o outro é errado? As crianças precisam iniciar seus processos de alfabetização entendendo que práticas excludentes não devem ser reproduzidas. Elas precisam saber que tais atitudes fazem parte do processo de invisibilização que tira o direito a educação, como foi o caso dos/as alunos/as do projeto da “Educação Solidária”, ou seja, são diversas consequências se não forem combatidas.

Essas pessoas não tiveram a oportunidade de estarem na escola enquanto crianças. O acesso à educação era bem difícil, como mencionava os próprios alunos/as. Segundo alguns/mas, eles/as precisavam trabalhar na roça e não tinham tempo de ir à escola, ou seja, a educação que deveria ser para todas/os não chegava até essas pessoas, e quando chegava, ainda tinha que suportar a discriminação como confirma os relatos da autora.

Dessa forma, trazer esses relatos de vidas como novas perspectivas de pedagogias é permitir que o acesso à educação seja de fato de qualidade, proporcionando mudanças de vidas através da relação docente/discente, evidenciando os relatos autobiográficos como práticas antirracistas para a promoção de mudanças.

2.1 Início do processo de desconstrução da colonização mental

O choque de realidade que tomei ao tomar conhecimento do processo de colonização me fez rejeitar, e depois entender, porque eu pensava até ali daquele jeito. A princípio foi um choque, porque pensava que era dona de minhas atitudes, dona da minha vida, mas apenas era uma pessoa com muitas limitações, timidez, dentre outros bloqueios. Lembro-me de uma das primeiras obras que fui apresentada na universidade que me desestabilizou completamente, mexeu tanto comigo

que releio sempre que posso e sempre entendo um pouco mais e me faz refletir a cerca de tudo que vivi.

A obra “*Pele Negra, Máscaras Brancas*” de Frantz Fanon, me faz lembrar fatos em minha vida que até então me traziam dores e hoje lembro já pensando onde posso contribuir para mudanças no combate ao racismo. Ele vai trazer experiências de vida, narradas pelo autor. Uma delas vai contar uma cena que ele vivenciou quando uma criança diz: “*Mamãe, olhe o preto, estou com medo!*” *Medo! Medo! E começavam a me tremer. Quis gargalhar até sufocar, mas isso tornou-se impossível.*” (2008, p 105).

A associação do preto a coisas ruins são reproduzidas diariamente, comigo também acontecia, ria de medo, de vergonha por não saber o que fazer.

Trabalhava em uma loja de roupas aqui mesmo na cidade de Redenção, fui atender um casal e sua filha de aproximadamente uns 8 anos de idade, a menina não aceitava o calçado que os pais haviam escolhido para ela, então começou a chorar, seu pai a pegou pelos braços e disse: você quer ficar preta igual ele? Apontando para a caixa de sapato que tinha um cachorro preto desenhado, esse calçado era o que a menina queria. Nesse momento eu me aproximo para finalizar a venda, imediatamente entrei em choque, parei em frente aquele casal sem saber o que fazer, só tinha vontade de chorar. Eles por sua vez, me olhavam fixamente, calados, essa situação durou segundos eternos, quando meu patrão veio pegou a caixa de minha mão e pediu para que eu fosse fazer outra coisa e finalizou a venda.

Depois, minhas colegas de trabalho me disseram que aquele casal não gostava de pessoas como eu, na verdade da minha cor de pele. (Antônia Cristiane da Silva)

Por anos de minha vida passava por eles com muita raiva, mas, após conhecer a obra de Fanon, pude despertar para a mudança de sentimento. Comecei a pensar como poderia fazer para que outras pessoas não passem por situações como a que passei. Também pude entender que os preconceitos são construções que podem ser desconstruídas, levam tempo, afinal foram anos achando que estavam corretos, não será de um dia para o outro que passaremos a pensar diferentes, mas sabemos que iremos mudar.

Uma criança não nasce racista, ela se torna racista ou qualquer outra forma de discriminação, porque ver em sua volta tais práticas e acaba por naturalizá-las. Não estou dizendo que é culpa da família, existem diversos fatores que contribuem. A mídia, os livros didáticos, a moda, dentre outros, que estão o tempo todo reforçando que ser preto/o não é bom. Não estou

aqui para apontar culpados, mas para afirmar que a autobiografia pode mudar qualquer realidade. Ver pessoas negras retratando suas trajetórias de vitórias, desperta em outras a certeza de que podemos também modificar nossa realidade, a partir das narrativas de vida, sendo assim:

As narrações, como um dos caminhos no campo da formação docente, assentam-se na abertura de um diálogo que faz e se refaz na luta cotidiana da vida e da profissão e que se amplia, retornando as lutas silenciadas no contexto sócio-histórico. E, assim, no plural vai se fazendo a formação, na intensa construção da vida (SOUZA, MIGNOT. 2008, p.79).

Ampliar as lutas nas mais diversas formas de educação é apontar caminhos para que possamos seguir e nos desprendermos do que não nos pertence e, conseqüentemente, dar início a reconstrução do ser negro. Seja na educação formal ou informal, todas tem o mesmo potencial e, a partir delas, iniciamos a desconstrução de nossas mentes até então voltadas para o colonialismo, que segrega e nos invisibiliza. Usar de nossas narrativas de vida como base para atuação da docência fortalece a identidade e a relação com a cultura negra.

Esse reconhecimento só foi possível depois de minha entrada na universidade. Daí por diante vários foram os acontecimentos que me induziram a pensar que lá sim, seria meu lugar. Mesmo despertando essa consciência ainda tinha o sentimento de não pertencimento, por vários motivos, iniciando pelo tempo considerado o término do ensino médio e por ser casada, já com filho. Por outro lado, eu não podia desistir, porque eu já tinha tido contato com fatos históricos que mudaram minha visão de mundo.

E essa mudança a qual eu estava sendo apresentada me fez aceitar que a hora de estar na universidade era aquela, porque por anos não aceitei o fato de não ter podido estudar na universidade que alguns colegas foram. Na verdade, das pessoas mais próximas a mim, foram apenas duas meninas brancas e com condições financeiras melhores que a minha, ou seja, essa pequena parte não incluía pessoas de classe baixa e pretas. Essa universidade, mesmo sendo pública, e que funciona ainda hoje na cidade de Quixadá, não era para todos, pois mesmo sendo pública, seria necessário me manter financeiramente, e eu não tinha essa condição, o que logo me fez desistir de querer está naquela universidade.

Mesmo assim, não desisti de estudar, e hoje começo a entender que as atitudes que tive na vida não eram atitudes conscientes e sim uma reprodução de pensamentos como parte do projeto de colonização. Cada semestre contribuiu para a desconstrução e possibilitou a reconstrução, mesmo sendo um processo doloroso, lento, mas necessário. Nesse espaço de poder, tive a

oportunidade de refletir acerca de quem sou e conhecer a existência da ancestralidade, não somente apenas como os mortos, mas como o início, o meio e nunca um fim.

Me fez entender que empoderar-se é estar disposta a se reconhecer culturalmente e identitariamente. Não apenas aceitar sua negritude, vai além disso. É ter orgulho e vontade de mudar a realidade de outros/as que vivem de olhos vendados quanto a seus processos de pertencimentos, é saber que antes de nós tiveram muitos outros que lutaram para que estivéssemos em lugares de poder na busca do bem estar do outro.

Foi a partir da UNILAB que me vi nos contextos históricos de forma diferente. Esse despertar aconteceu, mas fica a dúvida: Porque não aconteceu mais cedo? Arrisco uma resposta, porque não estamos preparados para acolher as diferenças, principalmente se essas diferenças não são hegemônicas. O processo de colonização nos fez cego quanto às nossas histórias. Fomos apresentados a uma única história e nessa história a negritude era esquecida, silenciada. Diante desse contexto, entendo que a invisibilidade que vivi não foi apenas coisa da minha cabeça, mas sim, herança do processo de dominação.

O mesmo sentimento de invisibilidade que vivi, vejo ainda hoje se reproduzir.

Tenho uma sobrinha de 7 anos de idade que vê sua mãe alisando o cabelo alegando praticidade no cuidado diário, até pode ser, mas essa criança ver suas amiguinhas também de cabelos lisos ou alisados. Então alisar seu cabelo virou meta de vida e o fez com ainda 7 anos de idade. Certo ou errado não me cabe julgar, mas me senti responsável por mostrar e exaltar nossa beleza natural, até que ouvi da boca dessa criança “tia, mas eu não sou da sua cor, a tia é mais escura e eu sou mais clarinha”. O que dizer para uma criança tão pequena que ela está errada a respeito de si mesma? Melhor que dizer é mostrar na prática e com nossas vivências, que esse padrão de beleza foi imposto e isso não quer dizer que ser diferente é feio.

Sempre que posso, tento enaltecer nossa beleza através da literatura negra, costumo dar para ela ler o livro “o mundo no black power de Tayó” de Kiusam de Oliveira. Vejo o brilho nos olhos dela, ao olhar nas linhas de uma história o orgulho de ser uma menina negra. Isso me mostra que o processo de descolonização dela já está a caminho. Esse mesmo livro dei para um menino branco que usa cabelos compridos desde que nasceu, sua mãe gosta dos cabelos deles e o chamava bebê dos cachinhos dourados. Ao entrar na escola, se sentiu rejeitado por algumas crianças em virtude do cabelo. A mãe do menino sentindo-se muito ofendida porque segundo ela pagava a escola para não ter problemas, na cabeça dela o fato dela pagar uma escola particular isentava seu filho da não aceitação dos colegas, afinal “meu dinheiro é igual a dos outros”, ela sempre usava essa frase.

Sem falar nada dei o livro para seu filho ler, achei incrível o retorno. Ele me mandou um vídeo no celular me agradecendo porque tinha gostado muito da história e achado muito bonita a menina gostar do cabelo alto dela (se referindo ao cabelo black) e que os colegas dele também tinham que aceitar ele porque ele gostava dos cabelos compridos dele. (Antônia Cristiane da Silva)

Ou seja, cada criança tem sua essência, elas não precisam mudar para se enquadrar a nada. Usei exemplos com duas crianças completamente diferentes, uma menina negra, pobre e um menino branco de classe média, ambos de 7 e 9 anos de idade com questões de aceitação de identidade, fosse por eles ou por colegas.

Essas são realidade de muitas crianças, sejam em contextos familiares ou escolares, mas que de diferentes formas passam pelas mesmas questões. Lembro-me de uma intervenção que fizemos em uma escola pública, em uma sala do ensino fundamental, solicitada pela Componente Curricular “Antropologia e Sociologia da Educação nos Países da Integração”, onde tínhamos que elaborar e executar um plano de aula pensado no processo de descolonização. Na ocasião fizemos uma contação de história com esse mesmo livro e a reação de uma menina específica nos chamou muito atenção. Ela colocou a mão no rosto e começou a chorar ficando até muito agressiva. Depois de muita conversa conseguimos acalmá-la e ela disse “tia meu cabelo é feio, não presta para nada”, naquele momento me vi naquela menina, quanto tempo sofri por me sentir feia porque meu cabelo era “ruim”. Era isso que eu ouvia sobre meu cabelo e provavelmente ela também só estava reproduzindo o que ouvia.

No final de nossa intervenção ela se aproximou de mim, a única negra de cabelos cacheados entre as colegas que estavam contando a história, e disse bem baixinho: “a tia tem o cabelo bonito”... quando eu perguntei o que ela havia dito ela não falou mais nada, ou seja, ela não conseguiu elogiar. Como elogiar uma coisa que não fomos ensinados a gostar?

É sempre difícil quando nos colocamos ou somos induzidos a pensar diferente do que estamos acostumados, ou seja, a menina já estava tão acostumada a ser criticada que os elogios causavam estranhezas. Esse é o sentimento que temos quando somos impulsionadas/os a fazer algo novo. Quando Paulo Freire foi impulsionado a pensar sobre sua trajetória de vida, ele estranhou e depois entendeu que não tratava apenas de rememorar e sim dar novos significados àquelas memórias.

É nesses processos de ressignificação que os relatos autobiográficos contribuem para o processo de descolonização. Deste modo, toda minha trajetória de vida me trouxe alegrias e tristezas, sem dúvida a maior tristeza seria não buscar fazer com que outras crianças soubessem de sua importância. Infelizmente é comum que crianças negras não se vejam em lugares estruturalmente e socialmente maiores, porém, quando se acredita que podemos educar para descolonizar através dos relatos de vidas, se torna mais fácil sonharmos. Porque sim, sonhamos muito, mas não fomos ensinados a acreditar em nosso potencial. Da mesma forma que iniciei através de vivências meus processos de descolonização, podemos influenciar outras crianças negras a saírem da invisibilidade e aprender a se posicionar e reivindicar seu lugar enquanto ator social e construtor de sua vida com autonomia.

CAPITULO III

COMBATER O RACISMO ESCOLAR A PARTIR DE PROPOSTAS PEDAGÓGICAS ADQUIRIDAS NA FORMAÇÃO DOCENTE

Até aqui vimos que práticas racistas estão inseridas no cotidiano escolar e que através dos relatos autobiográficos podemos elaborar pedagogias que nos direcionem para um processo de libertação, ressaltando histórias de vidas como meio de demonstrar que estamos em constantes mudanças e (re)construção, seja de identidade ou enquanto ser social. Sendo assim, “O ser professor é uma construção que ocorre no percurso profissional” (RODRIGUES, GABRIEL, ANO, p.06), portanto, é necessário ter a liberdade e sensibilidade de se construir a partir de seu percurso de vida, considerando a capacidade de sonhar da criança que:

(...) desde a mais tenra infância, sonhar com a justiça, com a equidade, com a superação dos obstáculos à realização jamais absoluta, na história, do que viria a chamar a vocação humana para o ser mais, me engajou até hoje, à minha maneira, na luta pela libertação de mulheres e homens (FREIRE, 2013, p. 251).

Despertar para essa liberdade sem perder a essência de ser quem somos, ainda no período escolar, ajuda a criar alunas/os com um potencial pautado na humanização e na verdade que cada um traz consigo, considerando sua cultura, suas crenças e ensinamentos a partir de seu processo de identidade, despertando a criticidade para questionar a história única que conhecemos e os relatos de vidas apresentados nesse trabalho tem papel importante, pois:

Com base nesses relatos, podemos considerar que a educação para a igualdade étnico-racial requer uma combinação de ações que coloquem em prática os ideais de uma sociedade mais justa e democrática, em que as crianças negras e indígenas tenham direito a seu desenvolvimento. O papel das professoras torna-se fundamental no sentido de assegurar o direito à educação de qualidade a todas as crianças (BENTO, 2011, p.26).

E a partir daí podemos refletir acerca de quais métodos podemos usar para desenvolver a criticidade nas crianças. Durante a jornada da graduação nos foram apresentadas possibilidades de práticas pedagógicas para além do livro didático. Mesmo a escola estando acostumada a conduzir seus alunos/as seguindo um padrão de ensino pré-estabelecido que não abrange a todas as identidades culturais, dentre outras, as religiosas, é necessário ter outro olhar e fazer com os métodos pedagógicos debatidos na formação possa ser levado para as escolas, como forma de somar no processo de ensino/aprendizagem.

As instituições escolares seguem um modelo de projeto curricular que tenta enquadrar todas/os em um padrão a ser seguido, esquecendo-se das especificidades culturais existentes na cultura brasileira. É sabido que crianças de religiões de matrizes africanas, por exemplo, não tem a liberdade de estarem em sala de aula com seus trajes brancos e seus colares sem que sofram racismo religioso.

E diante dessa realidade podemos elaborar pedagogias que enalteça a cultura afro, como por exemplo, trazendo para o chão da escola a circularidade africana, o batuque do tambor como forma de resistência ao colonialismo, o ubuntu como filosofia de vida, por entender que está diretamente ligado ao outro. Nesses exemplos, podemos levar em conta formas para desnaturalizar temas e termos usados e que coloca a criança negra em lugar de dominação. É preciso falar do processo de escravização para desnaturalizar escravidão e escravos porque não nascemos nessas condições fomos submetidos a elas.

Assim acontece com outras formas de “ser” que estão fora do “padrão”. Nesse sentido, as propostas pedagógicas reflexivas contribuem, partindo do pressuposto, que toda e qualquer forma de cultura pode ser trabalhada em sala de aula. Fazer com que as crianças entendam que o respeito à diversidade deve estar presente nas relações sociais dentro e fora da escola é fazer entender que por mais diferentes que sejamos é necessário acima de tudo conhecer e respeitar essas diferenças.

Nessa perspectiva, podemos colocar em práticas atitudes simples que tem grandes impactos no processo de reconhecimento cultural, usando da circularidade que quebra com o

padrão da fila das cadeiras, onde centraliza todos os conhecimentos ao docente, esquecendo-se da bagagem cultural existentes em cada criança, dentre outras formas, como usar de literaturas para exaltar a beleza física e cultural da criança negra, fortalecendo o elo entre o ser negro e a autoestima, através da aceitação de seu pertencimento o que apresentaria qualidade na aprendizagem.

Portanto, trabalhar histórias da cultura negra, como os livros “*Menina bonita do laço de fitas*”, “*O mundo no black power de Tayó*”, “*Zica a menina negra que viveu um erê*”, “*Meu crespo é de rainha*”, “*A extraordinária história do semeador de baoboás*”, “*Amoras*”, dentre outras várias que existem e que eleva a cultura da população negra e, por consequência, permite que a criança negra tenha orgulho de ser quem é. Esses contos, além da oportunidade de engrandecer a beleza e cultura afro, faz com que a criança negra se veja como protagonista e reconheça suas particularidades com únicas e belas, passando a refletir sobre o pertencimento de identidade.

Abordar essa e outras temáticas, seja partindo da literatura, do lúdico, da corporeidade, da musicalidade presentes na capoeira, no batuque do tambor, no dançar, são formas de libertar corpos e mentes aprisionados nos processos de colonização. Uma das formas de trazer para a realidade esse processo é considerando o termo *afroperspectiva* trazido por Nogueira (2012, p.147), onde vai dizer que é “*um conjunto de pontos de vista, estratégias, sistemas e modos de pensar e viver de matrizes africanas*”.

Continua afirmando, [...] “*ubuntu como uma maneira de viver, uma possibilidade de existir junto com outras pessoas de forma não egoísta, uma existência comunitária antirracista e policêntrica.*” (NOGUEIRA, 2012, P.147), ou seja, uma sociedade em que o respeito e a solidariedade fossem os pilares na relação uns com os outros, relações essas mais humanizadas. Com isso, nos coloca a refletir sobre quais práticas pedagógicas iremos levar para dentro das escolas, não estamos sugerindo a centralidade única e absoluta da cultura negra mais como um aporte que diz que outras histórias existem e que por isso podem e devem ser usadas na transmissão de conhecimento, haja vista que esse deve ser um processo mútuo de ambos os lados docente/discente, para combater o racismo promovendo novas pedagogias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do que foi tratado neste trabalho, esperamos que reflexões sejam impulsionadas no intuito de repensarmos os métodos pedagógicos, usados na pretensão de obter resultados satisfatórios, e que as histórias de vida possam contribuir na relação ensino/aprendizado de uma forma positiva. Que resultados possam ser alcançados, para o crescimento individual, como resultado da coletividade de agregar valores nos processos de identidade. Na realidade fazemos parte de um todo na condição de um, condição essa que muitas vezes discrimina e colocam pessoas às margens da sociedade em virtude de sua aparência, gênero, cor da pele, classe social e religiosidade, porém temos no trabalho autobiográfico a oportunidade de sensibilizar e promover reflexões acerca do que somos e do queremos ser.

Práticas racistas existem e estão em todos os campos sociais, cabe a cada um, buscar quebrar com esse paradigma cultural que maltrata e desrespeita pessoas por características físicas, pela diferença do não enquadramento nos moldes que um dia alguém pensou ser o projeto ideal a ser seguido. Hoje sabemos que não existem moldes, existem pessoas diferentes umas das outras que têm os mesmo direitos, principalmente o direito de sermos o que somos respeitando e valorizando nossa ancestralidade sejam os antes e os depois de nós.

Nesse sentido esperamos ter contribuído para que cada docente se veja em seus alunos/as, despertando assim a sensibilidade necessária para tornar o processo de ensino mais humanizado, que seja pensado no bem do coletivo, pautado no respeito, no direito de ser livre e autônomo e baseando-se em métodos reflexivos que atenda a demanda do cotidiano escolar.

O sonho da docência surgiu muito cedo em minha vida, mesmo sem saber eu acreditava no poder transformador da educação, não podemos mudar pensamentos ou vidas, mas podemos fazer com cada um reflita sobre suas atitudes e assim passem a ter atitudes capazes de promover mudanças. As educações podem ser modificadas e melhoradas, instituições podem construir projetos passivos de mudanças na medida em que as necessidades surgem.

O trabalho autobiográfico tem suas especificidades, pois, tem a capacidade de proporcionar um retorno ao passado, talvez não em sua totalidade, mas de forma seletiva, pois na medida em que fui buscando na memória fatos para a construção desse trabalho, revivi as dores passadas. Mesmo de fora, ver e poder analisar os fatos que vivi sem dúvida é uma experiência única, me fez ver o quanto meu processo foi difícil ao mesmo tempo transformador. Cada momento que vivi me trouxe incertezas que mais na frente me serviram de ferramentas para pensar e acreditar que minha história pudesse contribuir com outras crianças negras.

E a partir daí, o trabalho busca contemplar os processos formativos da criança negra, não apenas pelo fato de ter sentido na pele práticas excludentes e racista ao longo da vida e sim na busca de combater toda e qualquer forma que exclua e segregue. É comum ouvir que crianças não nascem racistas e isso é verdade, então precisamos falar cada vez mais sobre isso e apontar caminhos de prevenção e combate. Dessa forma, considerar histórias de vidas como forma de enaltecer toda e qualquer forma de cultura e identidade, é dar a oportunidade igualitária a todas/os.

Os relatos autobiográficos tiveram o poder de me modificar a cada vivência lembrada, e cada momento vivido contribuiu para entender que o que estava acontecendo não eram casos isolados e acontecia com outras crianças negras. Isso mostra ser possível um entendimento de que todos os envolvidos que praticaram exclusão possam repensar suas atitudes e buscar através dos relatos autobiográficos mudanças de comportamentos, como fonte propulsora de mudança.

Falta muito para o fim da colonização, mas o processo é único e necessário, evidenciando que somos moldados a partir de diferenças e que nem por isso precisamos ser tratados de formas distintas em virtude de nossa cor de pele. A criança negra faz parte de um processo civilizatório maior que o preconceito de alguns e os relatos autobiográficos pode contribuir para a formulação de novas práticas pedagógicas em combate ao racismo na escola.

REFERÊNCIAS

BENTO, Maria Aparecida Silva (org). **Práticas pedagógicas para a igualdade racial na educação infantil**. São Paulo. 2011.

BRAGANÇA, I. F. de S. **Sobre o conceito de formação na abordagem (auto) biográfica**. Educação, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 157-164, maio/ago. 2011

FANON, Frantz. **Pele Negras máscaras brancas**. Salvador, Edufba, 2008.

FERRAROTTI, F. Sobre a autonomia do método biográfico. In: NÓVOA, A.; FINGER, M. (Org.). **O método (auto)biográfico e a formação**. Lisboa: Ministério da Saúde, 1988. p. 17-33.

FREIRE, Paulo; FREIRE, Ana Maria Araújo (Org). **Cartas a Cristina: Reflexões sobre minha vida e minha práxis**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2013

GASPAR, Osmar Teixeira. **Direitos políticos e representatividade da população negra na assembleia legislativa do Estado de São Paulo e Câmara Municipal de São Paulo**. Tese (Doutorado em Direito) – Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo. São Paulo – SP,

2017. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/2/2140/tde-21082020-030539/pt-br.php> Acesso em 01/04/2021.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador** Saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis, RJ. Editora vozes, 2017.

BRASIL. **Lei 10.639 de 09 de janeiro de 2003.** Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm. Acesso em 02/02/2021.

NOGUEIRA, Renato. UBUNTU COMO MODO DE EXISTIR: Elementos gerais para uma ética afroperspectivista. **Revista da ABPN**. v. 3, n. 6. nov. 2011 – fev. 2012. p. 147 – 150. Disponível em: https://filosofia-fricana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/renato_noguera_-_ubuntu_como_modos_de_existir.pdf Acesso em 03/04/2021.

PRUDENTE, Eunice. Dados do IBGE mostram que 54% da população brasileira é negra. **Jornal da USP**. São Paulo. 31 jul. 2020. Disponível em: <https://jornal.usp.br/radio-usp/dados-do-ibge-mostram-que-54-da-populacao-brasileira-e-negra/> . Acesso em 22/03/2021.

RIOS, Fabio; “Memória coletiva e lembranças individuais a partir das perspectivas de Maurice Halbwachs, Michael Pollak e Beatriz Sarlo”. In: **Revista Intratextos**, 2013, vol 5, no1, p. 1-22. DOI: <http://dx.doi.org/10.12957/intratextos.2013.7102>.

RODRIGUES, Hellen Cris de A. R.; GABRIEL, Gilvete Lima. **NARRATIVAS AUTOBIOGRAFICAS E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DOCENTE**: a configuração da experiência formadora por meio do Estágio Supervisionado. Disponível em: [file:///C:/Users/Familia/Downloads/tcc%20oficial%20hellen%20cris%20de%20almeida%20rodrigues%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/Familia/Downloads/tcc%20oficial%20hellen%20cris%20de%20almeida%20rodrigues%20(2).pdf) Acesso em 03/04/2021

SOARES, A. & SOBRINHO, J. (2013). **Autobiografia e formação docente: Caminhos e perspectivas para a prática reflexiva**. Disponível em: https://alfabetizarvirtualtextos.files.wordpress.com/2012/09/soares_autobiografiaformacaodocente.pdf Acesso em 03/04/2021.

SOUZA, Mariana J. A memória como matéria prima para uma identidade: apontamentos teóricos acerca das noções de memória e identidade. **Revista Graphos**, vol. 16. nº 1, 2014.

SOUZA, Elizeu Clementino. (Auto)biografia, histórias de vida e práticas de formação. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/f5jk5/pdf/nascimento-9788523209186-04.pdf> . Acesso em 22/03/2021.

SOUZA, Elizeu Clementino de; MIGNOT. Ana Chrystina Veanncio (Orgs). **Histórias de vida e formação de professores**. Rio de Janeiro, Quartet, FAPERJ, 2008.